

## O balanço final e o “até-logo”

Cleovaldo T. S. Pinheiro

**F**oram 14 edições da Revista Brasileira de Terapia Intensiva, com 85 artigos, 14 editoriais e 55 abstracts do ano 2000 ao ano 2003. No mesmo período, reformamos o padrão editorial da revista, trocamos de editora e conseguimos que a revista não apenas se pagasse, mas que começasse a ter uma pequena margem de lucro capaz de financiar o Boletim da AMIB.

Foram pequenas conquistas diante da tarefa imensa que é o gerenciamento de uma revista científica, de uma especialidade médica relativamente nova, num país sem tradição de pesquisa e de publicação. Alguma coisa foi feita, mas muita coisa deixou de acontecer.

Necessitamos continuar melhorando o padrão dos conteúdos. Precisamos evoluir para uma revista com maior volume, carecemos de artigos originais de pesquisa. Não podemos sobreviver com artigos de revisão e apresentações de casos. Uma revista científica se qualifica com publicações com teste de hipóteses. Só assim se faz ciência.

Para que tudo isso se realize, dizem alguns, necessitamos qualificar melhor nossa revista junto ao CAPES e indexá-la em organismos internacionais. Entretanto se não tivermos melhor qualidade, não atingiremos esses objetivos e assim se fecha um ciclo vicioso.

Paradoxalmente, durante toda minha vida acadêmica, defendi a idéia de que no Brasil não deveríamos ter muitas revistas, mas apenas algumas boas revistas. Isso quer dizer que não deveríamos ter uma revista parra cada área de especialidade médica. Não temos produção para suportar muitas publicações. Todavia, criou-se a idéia de que cada sociedade médica e cada associação ou departamento deve, para se legitimar como especialidade, ter uma revista científica. Minha idéia era de que, para ter uma publicação deve-se ter produção a espera de espaço. Uma revista nasce para publicar uma demanda reprimida

e não para procurar publicações. Qualquer um que tenha tido a experiência de ter sido editor de uma revista no Brasil sabe do que estou falando.

É angustiante chegar ao termo do prazo para fechar um número e olhar para a prateleira e enxergar dois artigos apenas.

Mas enfim, o desafio foi grande e apesar disto tivemos uma considerável melhora no material recebido.

Optamos no início pela regularidade e deixamos de lado uma maior exigência na qualidade do material. Precisávamos cumprir prazos com os anunciantes e, assim, mantermos uma receita razoável. Depois passamos a selecionar mais e esse trabalho deve ser continuado.

Muitos autores não entendem que uma publicação sempre corre o risco de ser rejeitada. Faz parte do processo. Inclusive para uma reavaliação da classificação da revista nas instâncias científicas mais elevadas deve haver um índice de rejeição elevado, o que mostra uma criteriosa seleção do material.

Tentamos uma modificação do corpo editorial, dentro de critérios baseados em responsabilidade de contribuição de seus membros. Não fomos bem sucedidos. Mas no balanço geral o trabalho foi feito e os objetivos mais importantes foram atingidos. Chegou a hora de dizer até logo.

A AMIB lança-se em um novo projeto editorial e para ele fomos convidados. Passamos o bastão para um colega com grande experiência na área de publicações e que possui inúmeros contatos internacionais. Temos certeza de que a tarefa será desempenhada com competência e, o que é mais importante, com paixão.

Aos nossos colaboradores constantes como os professores Renato Terzi, Sebastião Araújo e Rachel Moritz e ao nosso secretário Luciano de Brito o nosso muito obrigado. À nossa editora, na pessoa de Marcelo Sassine, além do agradecimento, os desejos de boa sorte. E a todos, um “até-logo!”